

OS AUTOMOVEIS O. M.

NUMERO 19

PREÇO AVULSO 1 ESCUDO

NÃO TEM DISCUSSÃO!

12 PAGINAS

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELE. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.



O atentado contra o comandante geral da policia

O sr. Ferreira do Amaral, prestigioso comandante da policia civica, é atacado a tiro na esquina da Rua de São Marçal—ao que parece por elementos affectos á chamada 'legião vermelha'—e defende-se energeticamente dos seus agressores.

(Reconstituição segundo depoimento do sr. Ferreira do Amaral)

Má língua

O DIA DE CARLOS REIS

Thamã Ribeiro Colaça, o nosso brilhantíssimo colaborador, um dos poetas de mais fulgurante estilo da moderna geração, celebra nos versos que adevante publicamos, a figura a todos os títulos eminente de Carlos Reis.

Ninguém melhor do que ele o poderia aqui fazer.

écos

OS cavaleiros portugueses obtiveram em Madrid um belo êxito para o biplano nacional. Vá-lhes-lhe.

Depois do triunfo indiscutível dos aguarellistas, veio o êxito do foot-ball de Sevilha, e pouco antes o concurso de tiro onde os nossos atiradores levaram polvora que não atingia o alvo e deixava belos tiros a meio caminho...

VERA de Lima, a notável escriptora, foi uma interprete deliciosa da sua magnifica peça «Milagre». Na platéa dizia-se: Vera lembra pelas atitudes Sarah Bernhardt. Alguem acrescentou: tem a mais melancolica voz portuguesa que se tem ouvido em palcos.

RECEBEMOS a «Gazeta das Colonias», n.º 22, que se apresenta com ótimo aspecto gráfico. Dirige-a o distinto colonial Sr. Leite de Magalhães.

PUBLICAMOS na nossa ultima pagina (um admiravel «cliché» de Arnaldo Garcez. Não precisa de elogios este artista fotografico, que com a reportagem da Grande Guerra marcou a sua grande posição entre os «kodakers» internacionais.

RECEBEMOS o ultimo numero da Revista Teatro, esplendidamente colaborado e que mantém as grandes tradições do brilhante magazine.

RECEBEMOS entre muitos jornais o semanario, curioso e original: «Mulheres do Norte».

PRATO DE RESISTENCIA



A sopra:
— Amanhã terei-me eu a mim para o jantar...
O genero:
— Assada na grelha ou de estufado?

questão prévia

DEIXEM-ME ter este desabafo e não m'o levem a conta de maledicência fácil ou de desapego pelas coisas da minha terra!... Eu fui, eu sou das poucas pessoas deste rincão cujos creditos de jardim de Europa á beira-mar plantado á inconsciencia do tempo tem comprometido—que não puzeram em volta da alma uma fita de crepe e não vieram para a rua com cara de funeral em carro de colunas, depois do desafio de «foot-ball» do domingo passado.

Estou a ouvir o coro de imprecações que este primeiro período da cronica deve levantar entre as almas futebolísticas (deixem passar o neologismo, a ver se vinga), ardendo em puro zelo patriótico e ruminando a derrota do 2 a 0 com que—dizem-nos os jornalistas desportivos—foram apontadas as cores nacionais.

Ora aqui é que está, essencialmente, o desabafo. Muito embora o desporto da bola esteja generalizado em todo o país ao ponto de em qualquer Lourinhã irmos topar «sportsmen» de barrêta e cado, falando de «schools» e de «penalty» como se o País de Gales tivesse vindo passar a estação calmosa á nossa terra, eu recuso-me a admitir que os onze portugueses que no domingo ultimo defrontaram onze espanhóis no campo do Stadio sejam bastantes procuradores das cores nacionais, para efeitos de generalização de victorias ou derrotas á toda a raça lusitana.

Não nego, nem sequer disoato, que para tanto me falta competencia, os meritos dos valentes rapazes que jogaram no desafio de domingo. E digo valentes, com sincera admiração, porque estou sempre disposto a admirar nos outros as faculdades ou qualidades que em mim falecem e eu, que sou bem incapaz de correr para apanhar um electrico, não posso deixar de reverenciar a resistencia de quem anda a correr hora e meia átraz duma bola.

Não nego, dizia, os meritos, a tecnica e a «association» (coisa em que muito se fala e que eu não sei o que seja) do «team» português, mas não posso admitir que se diga que Portugal foi vencido e que a Espanha venceu, porque duas vezes os espanhóis impeliram uma bola de couro e borracha para dentro dumas rédes e outras tantas os portugueses bateram com a mesma bola contra uma grossa trave de madeira. A reputação duma nacionalidade não pode depender do facto duma bola ir dois centímetros mais acima ou mais abaixo contra uma trave, num campo desportivo.

Não, meus amigos! Se admitirmos que o «onze» espanhol representava o Espanha e o «onze» português representava Portugal, fazemos uma generalização que é igualmente injusta para as duas nações, porque lançamos sobre o país inteiro a vergonha e a magua duma derrota e sobre a nacionalidade visinha a acusação de deslealdade e incorrecção, de que largamente se fizeram eco os jornalistas da especialidade.

Deixem-me, portanto, consoladoramente considerar que onze desportistas espanhóis, impingindo regras de foot-ball e imprimindo escandalosas violencias á sua acção desportiva não compretem as tradições de cavalheiresca lealdade, que sempre foi timbre do nosso visinho do lado e que onze portugueses, correndo sobre a lama átraz duma bola sem que consigam introduzi-la nas rédes do adversario, também não conseguem significar que a raça a que pertencem está depauperada e é incapaz de vencer.

O valor latrínsec das nacionalidades conhece-se pela sua acção civilisadora e pelo animo dos seus exercitos, que são o próprio povo armado. Os franceses, por exemplo, não são na Europa os melhores futebolistas, mas são incontestavelmente os mais combalivos guerreiros. A adotar-se o criterio de que o foot-ball é o indice do valor dum povo, leríamos hoje o minúsculo Uruguay a dominar o mundo, porque foi um team de uruguayanos o que venceu nos ultimos jogos olimpicos.

Se algum dia a Sociedade das Nações deliberar que os conflictos internacionais se resolvam a goals, ordenemos então o nosso team de dez Nun'Alvares, com a padeira d'Aljubarrota em guarda-réde, porque vai nisso empenhada a honra e a vida da nação. Até lá, porém, deixemos as victorias e derrotas circunscritas á palda desportista e á emulação, como estímulo, de clubs e jogadores.

Perdoem-me os apaixonados este desabafo, que creio não estar absolutamente offside dos limites da razão.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

A estatua assassina

Na monotonia da vida quotidiana surgem, por vezes, factos que além de impressionarem por si mesmo, pelos seus aspectos visíveis, igualmente impressionam por parecerem revelações d'uma vontade fatal e misteriosa, que de vez em quando se quer manifestar nos simples mortaes, em cujos destinos exercem influencia...

O celebre escultor italiano Giuseppe Marenghi acabou de ter um triumpho na exposição artistica de Monza, com a sua enorme estatua representando a Medusa, a deusa que petrificava com um terror vingativo.

Voltava a estatua ao atelier do artista, e quando os operarios a estavam desencaixotando, eis que tudo agiu sobre o escultor, autor da estatua, e lhe dá morte instantanea, na presença dos seus filhos.

...Seria a deusa do terror vingativo a querer castigar quem ousara reproduzir os seus traços?

Do polo em avião

Ha homens cuja tenacidade de vontade é realmente feroz.

Assim, chega-nos a noticia de que o grande explorador Amundsen só está á espera que o tempo melhore para encetar o seu vôo ao polo norte em avião. Os aparelhos estão já escolhidos, e diariamente se tem feito experiencias.

O cavallo derrotado

Possue a Inglaterra um illustre corredor, W. Hart, que ha pouco tempo bateu, correndo, um velho cavallo, na pista do Palacio de Cristal em Londres.

Pois o mesmo campeão pedestre prepara-se para em breve bater, numa feraz corrida entre o centro de Londres e a cidade de York, com ida e volta, dois cavalos: um na ida, outro no regresso.

Já não é só no dominio intelectual que o homem quer ser o rei dos animaes.

Uma causa velha de 11 seculos

No tribunal superior da pequena republica de Andorra está-se julgando uma causa sobre direitos de propriedade, baseados num contracto originario do seculo IX.

Conhecidas como são as tricas e manhas correntes no mundo dos tribunaes, não será para admirar que a sentença definitiva só venha a ser pronunciada de aqui á mais alguns séculos.

SPECTATOR

SALÃO FOZ

O maior music-hall de Lisboa

comentarios

aspectos

Chamamos a atenção dos leitores para um artigo que publicamos na pagina desportiva, sobre uma grave e interessante questão que se prende com a moderna fisionomia social: «o profissionalismo no sport». Por muito restricto que o assumpto pareça á primeira vista, a verdade é que o «sport» tem, nos ultimos anos, ganho tantos adeptos e tão fervorosos cultores, que se justifica que espiritos um pouco mais largos do que os meros comentadores tecnicos, dele se preocupem.

providencias!

Estamos fartos de reclamar contra os roubos continuos que se dão nos correios e de que somos victimas. Não tem essa corporação uma policia que fiscalize e irradie esses funcionarios que são a vergonha duma classe que se preza e que merece o nosso respeito?

Esta situação é que é insustentavel. Desapparecem semanalmente dezenas de exemplares que enviamos aos nossos assinantes e que estes não recebem—passando nós aos seus olhos como relaxados ou incorretos.

A todos os assinantes pedimos que desculpem e reclamem sempre junto da administração contra as irregularidades de envio de jornais—dos quais, em absoluto, não temos responsabilidade.

uma taberna em pleno Chiado

Em pleno e aristocratico Chiado, entre o Lopes das flores e a «Pompadour», em frente ao «Tauromaqueo, no coração elegante e minúsculo de Lisboa—existe uma taberna imunda! É uma tarefa repugnante, onde decifram galegos e pedintes, as mais movimentadas horas da tarde—e a tarefa é pertença do «Valdo-Rio».

A Camara Municipal recomendamos aquele «bijou» de estetica.

Mas, o mais curioso é que o mesmo «Valdo-Rio» possui em excentricas lugarejas lojas optimas, bem instaladas, cheias de reluzentes cristais.

Para o Chiado é que foi aquele mimo...

coisas da gente...

Ha alguns anos uma companhia americana, especializada no revestimento dos pavimentos das ruas, ofereceu á camara de Lisboa, cidade que escolhia para amostra na Europa, alguns quilometros quadrados de bom piso para as ruas da Baixa.

A proposta dormiu nos arquivos da Camara, que decidiu... leva-la a concurso!

A citada companhia não respondeu e mudou as suas vistas para Sevilha que utilisou desde logo tão boa vontade.

«claridade»

O livro «Claridade» de João Ameal, que constituiu o maior êxito literario deste fim de «saizon»—tem despertado, nos meios litterarios do norte, funda impressão.

Alguns jornais referem-se á evolução do moderno escriptor collocando-o a par dos mestres prosadores consagrados.

PONTO DE VISTA



ETA—O senhor, nesses casos, tem só um truco. É parlar... sua irmã tinha-me dito que tinha dito...



AMANHECER—Versor de Maria Helena—(Lisboa, 1925).

Como a poetisa Maria Helena é ainda muito nova (a erer nos «zuna-zuna» das livrarias e a julgar pelo retrato que—sem uma razão evidente—acompanha o seu livro de estreia), tome a liberdade de lhe falar com a maior semcermonia.

Tenho a certeza de que não vai zangar-se: no seu livro há vestígios duma bela inteligência.

«Amahecer» é, de facto, uma colecção de poesias alvarescentes, ainda muito longe dum «zenith» de Perfeição, mesmo que a boa vontade faça descer a Perfeição a um paradoxal nível de relatividade.

Na sua maioria, são dísticas versos que se escrevem num livrinho de capa de oleado, que se leem aos parentes e amigos e que, mais tarde, quando a nossa visão critica é operada de certas inevitáveis cularatas, a gente guarda como curiosidades e se envergonha de mostrar. Maria Helena liu-de arrender-se de ter dado o publico o seu livrinho de capa de oleado.

Se estivessemos em presença duma destas senhoras que, por obediência à moda ou por não terem mais que fazer, publicam um volume de versos, é claro que o arrependimento nunca chegaria, porque, a todo o tempo, a sua vaidade se sentiria feliz à vista da inofensiva brochurazinha que, a maior parte das vezes, nem sequer é preciosa...

Mas, porque tenho a certeza de que, realmente, apareceu mais uma verdadeira poetisa—e, entre nós, quasi não chegam a meia dúzia!—penso que teria sido mais vantajoso aguardar pacientemente que florescessem de maneira esplendida e categorica todas as qualidades em «embryo» que já tão bem se adivinham nête «Amahecer».

Daqui a dois ou três anos, Maria Helena não publicaria os seus sonetos de amor, rematados por aqueles conceitos sintéticos «tipo Virginia Victorino», de que tão desolegadamente se vem abusando com a menor consideração pelos direitos da sua gloriosa autora.

Daqui a dois ou três anos, Maria Helena vai, talvez, dar-nos um livro cheio dum aereo lirismo objectivo—do que, segundo me parece, melhor quadra ao seu temperamento de contemplativa—, um livro que virá muito senhor de si, muito pessoal, orgulhoso menespeiro de Apolo, a dizer que nasceu mais uma estrela... Assim seja.

NOTA—No último número, na crónica referente ao livro «Clariada» de João Ameal, em uma gralha tão comprometedora como disparatada. Onde eu tinha escripto «attitudes morais», o compositor entendeu «attitudes sensuais».

Poi só isto... Que João Ameal desculpe ao meu colaborador, porque eu já não tenho generosidade para tanto.

DIFICULDADE



—Disseram que se usa agurar muitos moveis «ad-hoc»...
—Só aonde se vendem?



A pensão de Dona Balbina

AOS cinquenta e dois anos de idade, D. Balbina encontrava-se inconsolavelmente viúva e de posse de uma filha que a procedencia fizera feia, coartando dessa maneira a carinhosa mãe, qualquer elogio como detentora de bom ferro de lavrador.

D. Balbina, um mez após a morte do esposo, quando as lágrimas da saudade já não lhe borbotavam espontaneas, contemplou o retrato em tamanho natural e a «crayon» do defunto, pensou na vida, reparou na mostrenguisse da filha, contou as cautelas de penhores deixadas pelo marido numa eterna saudade, olhou os cabelos brancos, mas suscetíveis de mudança de cor com um pouco de paciência, e pensou no Fernandes da mercearia, um tal que quando o esposo ainda era vivo e o telefone da tenda ainda falava, não se cansava de lhe enaltecer a opulencia embirraliva das proliuberancias e lhe dava a entender que, se ela quizesse, estava ali um homem capaz de fazer uma loucura, mais ou menos amorosa.

Ao tempo do seu consorcio com o alferes Martins na igreja do Sacramento, passava por uma das «pequenas mais faladas» em todo o Bairro dos Paulistas, expressão symbolica do gosto da epoca, boa carne vermelha e roliça, buço significativo ensombrando o labio superior, perna de uma só peça, cada braço uma tranca e um cabelo que solto, lembrava o rabo do cavalo da estatua de D. José I.

Boas cores, mulher para lavar e durar, exemplo synthese da influencia de



Rubens, nas predileções amorosas do tempo.

Não deixavam por isso as linguas maldizentes de beliscar a reputação reservada de D. Balbina e até, quando no dia do casamento eia se apresentou de «virgem», um caixarote que era dos «fixes» e constanles na «Sociedade Recreativa Aurora da Liberdade», sustentou que o branco é a feição de todas as cores e que, por essa razão, não se conheciam os variados tons que compunham a honestidade de D. Balbina.

Agora, carregada de luto, D. Balbina vasculhava saudosa a sua existencia, e não descobria estrela que lhe lembrasse dia feliz. Sómente lá muito ao longe, um luzeiro frouxo, lembrava-lhe aquellas trez noites funestas que o marido



tinha passado em Tomar, noites em que os seus ouvidos castos de esposa pouco uzada, tinham escutado os ternos gorgeios d'um sargento-aspirante, que á terceira manhã lhe havia levado uma pulseira de vinte grammas, como recordação d'aquelle amor fugaz, criminoso e absorvente.

Resolveu pois tomar uma resolução que afastasse a miseria da porta e lhe desse ao menos jantiar assegurado.

Tinha uma casa que era um capital, alugaria quartos e governaria a vida modestamente. Por isso, chamou a filha a capitulo e, no quarto da cama, ambiente propicio á discussão dos grandes problemas, tratou-se o negocio:

—Elvira! Não ignoms que teu pae, á parte a conta da farmacia e as dividas, não nos deixou mais nada! Estamos na miseria! Tu não te resolves a casar...

—A mãe bem sabe que eu faço a diligencia, mas os homens são uns trastes que só querem fazer pouco!

—O' filha! Eles de ti nem mesmo pouco querem fazer!

—Então, eu sou assim... muito simples!

—E's! Infelizmente és simples de mais!

—Então não sei que se hade fazer!

—Sei eu!—e D. Balbina tomou um ar de pessoa entendida—Tenho pensado muito e cheguei á conclusão de que não temos que comer! Ora quando uma pessoa não tem que comer, só tem um unico remedio: E' dar de comer aos outros! Resolvi pôr uma pensão!

—Uma pensão?

—Sim! O Fernandes da tenda tem cá de parvo, e é Parece-me pessoa decente. Vem cá para casa...

—Fazer o quê?

—Fazer... fazer... respeito! Bem sabes que isto de hospedes precisam de ter

alguem que imponha respeito! Tu serves á mesa, meto uma mulher a dias e escrevo para a prima Candida, porque mandando vir as coisas da provincia, sempre saiem mais baratas!

—Acho muito bem!

—Tu é claro, tens que começar a tratar o Fernandes por padrinho!

—Padrinho? Mas porquê?

—Porque... porque vai ser compadre do teu pae e alem d'isso a decencia não fica mal a ninguém!

—Mas... não entendo!

—Então faz de conta!

A pensão de Dona Balbina é hoje uma das mais concorridas cavernas alimenticias dos Paulistas. Dona Balbina tem dinheiro no Montepio e os comensaes, após dois meses de aturado esforço de mastigação, ou enlouquecem ou sofrem uma raspagem ao estomago, que quasi sempre os liquida em preclarissimos cadaveres. A filha de Dona Balbina já está pedida em casamento, por um sujeito iniope que indagou a soma do deposito no Monte-pio, e o Fernandes da tenda, quando alguem lhe comenta o facto, de ser ele o unico comensal que tem bife macio, e dispõe de dois pratos de sopa, monóloga misteriosamente:

—Eu sempre arranjo cada emprego na minha vida!...



HENRIQUE ROLDÃO

Que diz a isto?

VAI TER AO DOMINGO

POR

2

CORÔAS

UMA EXPLENDIDA NOVELA

A

Novela do DOMINGO

PROXIMIDADE



—Oh! estas horríveis visinhas de cima, que não param com o masloze.
—Tá enasperas, filha.
—E' que tu estás muito mais longe da que eu...



A PROPOSITO DE

O IV PORTUGAL-ESPANH A

UM PROBLEMA PALPITANTE E GRAVISSIMO

Profissionalismo? ou Amadorismo?

UEM escreve estas linhas não tem responsabilidades de clubismo. Escreve de fora, como espectador que observa, no legítimo direito de aspirar para o seu país a sanção justa do seu valor desportivo.

A lição que a Espanha nos deu, no domingo passado, em nossa própria casa, deve servir, pelo menos, para dela tirarmos o melhor proveito. E, não se julgue por estas palavras que essa lição, «malgré» o desaire numerico de Portugal, foi uma lição de técnica pura—não, referimo-nos à lição, de estilo, e de classe, que os homens de Espanha forneceram aos seus antagonistas lusitanos.

Achamos mais do que nunca oportuno, necessario mesmo, tratar neste momento aquilo que supomos ter sido o unico causador da baixa marcação portuguesa no Campo Grande.

Dum lado um pobre electricista, que passa a vida empoleirado numa escada a pregar fios, mal alimentado, mal instalado na vida, com menos duma hora diaria de treino!

Doutro lado um funcionario publico que ganha 2000 pesetas mensais sem pôr os pés no emprego, com medeca e massagista assistente, com duchas e «camping» diario, e treinos á discreção!

Foi assim, nestas condições, que se jogou no Stadium do Lumiar o nome Português! E' assim que se entende a equiparação legal da preparação desportiva! Pode-se tomar a serio uma prova em que dum lado estão, «de facto», individuos com occupaões normais na vida, com pessimas condições materiais de existencia, trabalhando em mil occupaões estafantes e absorventes, quasi sem treinos diarios e, doutro lado, verdadeiros «azes» do foot-ball, cheios de todos os mais modernos requintes de conforto, de comodidade, de higiene fisica e moral, com chorudas e aparentes occupaões, mas fazendo apenas uma intensa e disciplinada vida desportiva, com treinos regulares e metodos, gosando todo o bem estar de quem se encontra perfeitamente instalado no mundo, desde a farta e rica alimentação organica até á cultura scientifica indispensavel aos «sportsmen» completos?

Não! Não se pode nem se deve sancionar uma situação de desigualdade de condições materiais, quando no campo a todos se exige o mesmo esforço.

Este problema tem de ser olhado muito a serio—porque a expressão desportiva dum país tem hoje um valor social dum largo alcance. As qualida-

des duma raça podem auferir-se pelas nas classificações olimpicas. O que se está fazendo em Portugal, com respeito á nossa representação internacional, é já alguma coisa em relação ao que se fazia, mas em relação ao que se faz lá fora tem o ar de mero expediente, debilmente infantil.

Esta ideia de mandar para Montachique os onze rapazes, á engorda, alterando-lhe, embora para melhor, o regimen alimentar, os habitos de vida, o ambiente habitual e até a mudança de fatos, foi, confessemos, de fazer sorrir.

A fulminante certeza de golpe, a agilidade, a segurança de passos, a velocidade, a pontaria, o dominio de todo o sistema nervoso, numa palavra a «classe» dum jogador, qualquer que ele seja,

apura-se, em oito dias de férias collegiaes, numa aldeola de bom ar, nos arrabaldes?

E' evidente que não.

Como se adquirem e se augmentam essas qualidades?

Necessariamente por um treino normal e sistemático, orientado scientificamente.

Que requisitos indispensaveis deve ter a vida de todo o «foot-baller» sobre o qual pesam as responsabilidades duma representação nacional?

Necessariamente, pelo menos, o desafogo preciso para um treino sequente, sistemático e eficaz.

Nós não somos pelo profissionalismo, organizado e comercial—mas somos absolutamente contra o amadoris-

mo pelintra e miseravel, que asfixia as melhores esperanças desportivas. A Espanha, a Italia, a França, mais do que todos a Espanha fazem, profissionalismo encoberto.

A cima de tudo esses países procuram manter bem alto o nome do seu desporto, e através de todos os meios alcançam o seu fim.

Zamora tem automovel e recebe rios de dinheiro. A Espanha trata-o como um idolo.

Ao que consta o nosso Chico Vieira continua, honradamente sendo estolidor... Muito nobre e muito desinteressado—mas muito pouco pratico no fim de contas.

Daqui se conclue que o «milagre» que fizeram os homens portugueses no Stadium embora fôsse ainda negativo para o «score» nacional—deve pôr-se em foco. Está á porta o Portugal-Italia. É uma grande prova de categoria e de «cartel» mundial—ha que defendê-la. Impõe-se imediatamente, uma preparação intensa, feita com largueza, com escrupulo e com criterio, dos homens que hão de defender as cores portuguesas.

De futuro, os encontros internacionais têm de ser olhados com mezes de distancia.

Os candidatos a esses «matches» têm de ser separados com tempo, dolados das possibilidades de preparação atletica geral, e da especialisação que se require.

Não estamos a ensinar o padre novo ao vigário.

Tudo o que aqui se diz se sabe, mas é preciso dizê-lo ainda.

Um desafio que pode dar uma receita superior a 200 contos, e que sob o aspecto financeiro é hoje o espectáculo mais largamente compensador—pode preparar os homens que nele tomam parte, sem liberalidades escusadas e sem mesquinhasias ridiculas.

Profissionalismo temo-lo nós—com o caracter repugnante de «gorgeta»—(as cem pesetas diarias de Espanha, para cervejas e café...)

Que se tire a hipocrisia de encobertamente gratificar os que cumprem um dever sportivo, que por si é já uma grande honra.

Nada de comercialisar, com baixezas de esportula, a nobre, dignificadora e superior missão do sport.

Mas—chamem-se os grandes elementos do «foot-ball» português, treinem e dotem-se as melhores capacidades que hão de manter o nosso nome internacional—de forma a garantir o maximo de preparação—a que pode e deve corresponder—o maximo de resultado!

O Homem que passa

A TAÇA-DAVIS E OS JORNALEIROS



Os directores da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis tiveram com a organização da eliminatória da Taça Davis a sua primeira desillusão. Pouco ex-

perimentados ainda, supuzeram que encontrariam todas as facilidades nos jornaes, da boa vontade dos quaes dependia, na verdade, grande parte do exito da prova. Mas infelizmente nada tem que ver para certos jornaes—ou antes para certos jornalistas—a importancia das provas com o destaque que lhes dão. E' assim ha muito tempo... E não é a primeira vez que me insurjo contra este estado de coisas. Esses homens que dentro das secções dos jornaes desequilibram o noticiário, em harmonia com os seus interesses, não são jornalistas do sport... são jornalheiros... Quem não conhece a engragem do systema condena os jornaes que tem apenas a responsabilidade, da tolerancia.

Um grande diario, que pretendeu passar por paladino da causa sportiva, que tem uma pagina exclusiva uma vez por semana, mantem-se mudo e quedo em face d'um encontro com a Italia para a Taça Davis.

Trata-se da mais considerada prova internacional de tennis. A sua marcha é seguida em todo o mundo com interesse. Em Portugal a Federação de Tennis anda de chapau na mão, pelas redações de certos jornaes, mendigando um reclamesinho... E o sóba da secção, impassivel! A pagina de semana sahe povoada, na sua grande maioria, de noticias para encher... Da Taça Davis, nem palavra.

Concluido na semana anterior, no local d'honra, com estampa allegorica, reclamava-se o combate Albano Martins—Menard! Que sentimento de porções!

As coisas corriam doutro modo se a Federação tem negociado o reclame por um systema menos cortês mas mais eficaz. Isto sem recorrer á secção de anuncios do jornal...

Não ligue a Federação de Tennis, no entanto, demasiada importancia ao facto. Para a outra vez adopte o processo estabelecido. Por agora pense apenas que a sua organização foi excelente. O corte foi preparado com cuidado, as instalações para o publico eram comodas, os detalhes da organização não foram esquecidos, o que tudo deve dar á Federação uma grande tranquillidade de espirito, propria de quem cumpriu com dignidade o seu dever.

O resultado dos encontros não correspondeu ás possibilidades. Os portugueses, que foram dominados nitidamente, podiam ter sido os vencedores, sem exagero. José Verda devia ter batido facilmente Serventi; o par italiano podia ter sido tambem dominado pelo nosso se Verda tem tomado o seu lugar; Casanovas bateu de perto Serventi. Em resumo, se J. Verda não tem sofrido o precalço do primeiro dia era muito possivel que a nossa equipe estivesse hoje apurada para o encontro com a França. Apesar da nossa grande infelicidade, o jogo não nos deixou em mau campo, o que é o essencial.

F. GUEDES

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

Na secretaria do Club R. das Pedras Negras, 30, 2.º, acha-se aberta a inscrição a todos os socios que desejem tomar parte no campeonato interno de Sports Alêcticos que se realiza nos dias 24 e 31 do corrente no nosso campo em Sete-Rios.

OS HOMENS ELEGANTES
BARBEIEM-SE NO
GOLDEN PALACE

SOCIEDADE DE DECORAÇÕES SCENICAS, L^{DA}
Montagens teatraes completas em todos os generos em Lisboa e Provincias

SOCIEDADE DE DECORAÇÕES SCENICAS, L^{DA}
Especialidade em ornamentações de carnaval para clubs e salas.



Cinemas, Theatros e circos

O nosso formidavel concurso!
EMPATAM

Laura Costa e Auzenda d'Oliveira!

Auzenda estrela (ilysio)
Mas que encanto de mulher!
Tem no olhar luz iluminada
Para todos enlouquecer

S. MELLO de SOUZA.

Auzenda tem seductora magia.
E o seu olhar encanta quem passa
Sua beleza vence, inebria
Ela é a gentil Deusa da Orca.

QUILHERME M. de SOUZA.

Nu Auzenda, pela beleza.
Eu hei-de sempre votar
Não na actriz portugueza
Que a possa igualar.

AVOUSTO dos SANTOS.

Os olhos negros brilhantes
Da Auzenda vem fulgores
Que dois astros fulgurantes
Não lhe ganham em primores

F. MEIRELLES.

Ora bem! Al não fui ouvido
Inspirei plágios de fé
O meu voto é p'ra Auzenda
O dela não sei quem é

J. MEIRELLES.

Eu não pensava em votar
A não constata esta contenda
Indica a quem deve ganhar
Mais linda actriz é a Auzenda.

BIBI.

As duas isvalem em beleza
Ambas lutando ainda
Mas das actrices portuguezas
É Auzenda que é mais linda

M. de LENCASTRE.

Su deve ser rajada
A boneca do S. Luís
Men voto a Auzendinha
Essa lindissima actriz.

SALUSTIANO.

Eu voto na Auzenda
Mais linda do que ninguém
Foi uma fada de lençol
Deu-lhe a graça que tem.

X. P. T. P.

A mais bonita e formosa,
Entre as belas a primeira,
Gratili e sem ser valiosa
É a Auzenda d'Oliveira.

E. P.

Meu voto é a Auzenda
Para Auzenda e dou
Como ela ninguém
Faria me encantar.

ANTONELLA.

Faria um voto a Auzenda
Com prazer e alegria
Por ser a mais linda actriz
Da minha simpatia.

CARLOS PEREIRA.

Da teletrina gentil,
Da novelista engracada
Um o meu voto a Auzenda
A Frangula enlatada.

A votar eu sou um tolo
E voto por brincadeira,
Mas desta vez é a serio.
Na Auzenda d'Oliveira

ANTONIO ALVES

POR UMA EXTRAORDINARIA COINCIDENCIA AS
DUAS «VEDETAS» OBTEEM RIGOROSAMENTE O
MESMO NUMERO DE VOTOS!



Com os gentis consorçentos
Eu vou fazer uma aposta
Que quem vence este concurso
É a Linda Laura Costa

LINA

Não hesito um só momento,
Voto já sem mais hesitação...
Todas as Laurs são belas,
Mas a Costa é, um portento.

DR. ALMEIDA

Qual, divina estrela,
a brilhar p'ra formosa
no horizonte da vida,
Laura Costa é a mais bela
das criaturas da natureza
no teu espectáculo.

TRAFULHA

Naquele «sonho», é um Cupido
De quem toda a gente gosta,
E por ela estar perdida,
Deu o meu voto a Laura Costa.

X X DE XAVES

Voto gente da «Costa» d'Ouro,
Vieram indões, voto um enuro,
Quasi a Grecia voto em massa
Ouvir a «Laura» cantar
E poder agradecer
Todo o ar da sua graça.

THOMAS COOK

Onel é coisa qual é ela?
Tem uma figura de fada,
Canta bem, é engracada,
Do teatro é uma gloria.
Está no «Maria Victoria».
Tem só uns palmos d'altura,
Mas o comprimento da largura,
Chama-se Laura e é bela...
O meu voto vai p'ra ela.

CENTENO

Que pergunta tão exqu coasta
Vão-me vistes fazer!
Não votando na Laurita
Então em qual hade ser?

ROGERIO P.

Será Rainha da Beleza,
Ca nos palcos Lusitanos,
Laura Costa, com cereza,
A mais linda, sem enganar.

PROVINCIANO

Venho dizer com franqueza
A actriz que mais me gosta
Por sua graça e beleza
É a gentil Laura Costa.

X. P. T. O.

É esta. Quem dela não gosta
Tão gentil e salutar
É bem linda a Laura Costa
Não ha outra a igualar

JEANETE.

Qualquer juiz modelar,
Por mais que não queira, instaura,
Processos a quem não votar
Na formosissima Laura.

J. VELOSO

O Laura, é formosa actriz,
Vas ganhar por pouco, vas
Colocar de nosso país...
Luzinhas, gatinhas...

MANUEL JOAQUIM de PAIVA.

Portugal tem boa Costa
E um estadista Costa
Eu voto em Laura Costa
E da vizinha da Costa...

DRAGÃO.

Com este concurso faço uma aposta
E sou capaz de afirmar á toa
Que quem ganha o concurso é Laura Costa
Mas lá por isso não fiques com mais prós

J. S. D.

Procedemos á contagem dos votos entrados nesta recolhação, com o maior escriptulo e isenção, como de resto era natural. Uma e duas vezes contamos e verificamos — não queriamos crer! — Auzenda e Laura Costa obtinham, rigorosamente o mesmo numero de poesias que as votavam, e que eram no avaliado numero de 213! Ao principio supozemos que houvesse erro de contagem, mas em frente de amigos nossos e pessoas idoneas se verificou o que o acaso acabava de proporcionar-nos: o empate de Auzenda e Laura Costa.

As duas gloriosas artistas, de facto dois lindissimos tipos de Beleza, merecem ser realmente distinguidas.

Os premios serão pois dois!
As festas de O Domingo ilustrado, serão pois duas!
Uma no Teatro S. Luis, no ultimo espectáculo da brilhante companhia Arnaldo Vasconcelos. Outra no esplendido teatro Maria Victoria, no proximo Domingo.

Um entre as, no qual serão recitadas as melhores quadras, pelos principaes artistas das respectivas companhias, e falarão pelo Domingo ilustrado, Henrique Roldão e Leão de Barros, pela brilhante revista De teatro, Maria Duarte, enaltecendo as artistas homenageadas.

Auzenda d'Oliveira, rainha da Elegancia!
Laura Costa, rainha da Beleza!

ficarão, historicamente como as mais belas actrices dos nossos theatros no ano de 1925.

Brevemente diremos qual o poeta premiado.

RESUMO DA CLASSIFICAÇÃO COMPLETA DAS SETE ACTRIZES MAIS VOTADAS

Laura Costa e Auzenda d'Oliveira	213
Amelia Rey Colaço	71
Duice de Almeida	29
Ilda Stuchini	12
Maria Corle Real	9
Aura Abranches	8

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rafael» com Laura Costa, a encantadora «divette», em seus numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos S. Luiz Salão Foz Avenida Politeama Trindade J. Almeida Coliseu

Sempre espectaculos pela
organizaçao Lucilla Simões.
Espectaculo de drama e alla
melha, com Lucilla, Eri-
e toda a companhia.

Espectaculos varia-
dos pela companhia Ar-
mando de Vasconcelos.
Grandioso acto de arte
e elegancia.

As maiores atrações de
Musio-Rial.

Espectaculo pela com-
panhia Maria Malta-Men-
donça de Carvalho.

Os vellos grande successo
de toda a companhia Ray.
Colaço-Robles Monteiro.

Capital Federal—feeries
e revistas, successo grande.
Crençada e brilhante grupo
de artistas e caristas.

A «Sévera» com Palmira.
Colossal exito.

Grande companhia de
opera italiana.
Espectaculos variados to-
das as noites.

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

Alguem que conhece a maravilha a vida de bastidores, traçou esta pagina dum pitoresco saboroso e original, onde passa uma figura sentida e vivida, da multidão dos trabalhadores do palco—numa pequena e veridica tragedia intima.

A TRISTE PAIXÃO DO 'AZELHA'

A roda dos teatros, gente do palco e camarins, porteiros e «habitues» da «caixa», todos conheciam o «Azelho», todos o chamavam quando era preciso ir comprar um maço de cigarros, buscar com ligeireza a sombrinha esquecida em casa, ou levar altas horas os annuncios do dia seguinte, para os jornaes.

Era um pobre diabo, o «Azelho»! Fiel como um cão, quando qualquer actriz ou actor o lomava temporariamente para seu serviço, não havia na sua boca, pessoa de mais profundos sentimentos, de coração mais elevado, que o seu protector. Corriam dias, semanas, e d'ahi a tempos o «Azelho», fazia os serviços a outro não esquecendo contudo, aqueles que lhe tinham dado de jantar durante a sua triste vida.

Viera, sabia-se lá de onde! Aparecera um dia por ali, a abrir as portinholas dos trens, a entregar cartas ás coristas, a vender coplas das peças em scena.

Ao fim de pouco tempo o «Azelho» era um pedaço do Teatro, uma utilidade indispensavel na vida interna da casa de espectaculos.

Sempre mal pronto, vestindo o que lhe davam por caridade, ora mostrava um casaco enorme arregaçado nas mangas para lhe deixar as mãos livres, ora umas calças curtas e esterlicadas que prontamente abriam rasgões, pouco dando ao «Azelho» que lhe deixassem ver a pele escura, coberta de pelos sujos, manchada por cicatrizes de quedas e pedradas.

Tão pouco ele sabia como tinha vindo ali parar. Calhou.

As raparigas dos côros, eram boas para ele.

De quando em quando, por uma carta não recebida a tempo, ou por um recado, mais demoradamente feito, davam-lhe descomposturas, riem-se da sua tibiieza de gestos, da sua tartamudez exquilita quando querir explicar qualquer falta, mas, prontamente, tudo passava, e o «Azelho» continuava a subir e a descer as escadas, no carregio das cervejas e dos cafés.

A Dona Adelina tinha-o tomado para o seu serviço. Agora o «Azelho» andava de camisa mais lavada, as nodos eram em menor numero no lato, e, em vez das sapatorras esburacadas e sem saltos, andava com uns sapatos grosseiros, mas concertados.

O rapaz que vivia com a Dona Adelina, o Sr. Ferrão dos automoveis, não desgostava dele. Mutas vezes mesmo quando o Sr. Ferrão tinha de sair de Lisboa por causa dos negocios, era o «Azelho» quem acompanhava a Dona Adelina a casa, altas horas da noite, entreleuando-a pelo caminho com historias de uma simplicidade parva, fazendo-se valente quando ela falava em ladões, muito ufano por ir ao lado d'ela, com a caixa dos chapéus enfiada no

braço, deitando olhares rancorosos para os que se ficam a olhar para traz, vendendo-a passar.

O «Azelho» vivia feliz. A Dona Adelina dava-lhe de comer todos os dias, e tinha-o auctorizado a dormir na casinhota do quintal, de mistura com malas e moveis partidos. Só uma coisa o arrellava. As zangas da Dona Adelina, sempre que ele lhe aparecia com as



O Azelho era um pobre rato de palco...

unhas negras de lixo ou o casaco manchado de nodos. Era uma matação constante porque ele ás vezes, cheirava mal.

E sempre que o Sr. Ferrão precisava de qualquer coisa, de um einbrulho a levar ou de um recado para a «garage», lá vinha um trocosinho alegre nas algibeiras rotas do «Azelho», auctorizando-o a dar a sua fumaça pachorrentamente, encostado pelos cantos do palco, em falacia com a gente do movimento, que gostava de o ver «afinado» e a ameaçar com navalhadas traiçoeiras qualquer um que lvesse a pouca vergonha, de dizer mal da Dona Adelina.

Ela chamava-o, recomendava-lhe juizo e, sorrindo disfarçadamente, para os outros, ameaçava-o com o abandono, com uma queixa ao Sr. Ferrão, com a prohibição formal de entrar mais no seu camarim.

Uma noite, quando o «Azelho» esperava á porta da «caixa» pela Dona Adelina, esta passou rapida, abotoando febrilmente o casaco de peles, sem o ver. O Sr. Ferrão tinha sahido no intervalo e parecia que antes, houvera discussão no camarim.

O «Azelho», chegou-se á D. Adelina: —Vae já para casa? —Não! Deixa-me! —Mas então... O Sr. Ferrão não vem?

—Deixa-me já te disse! Só faltavas tu para me arrelliar!

—Mas ó Dona Adelina, eu...

—Mau! Desaparece da minha vista! Olha que eu já não estou nada boa!— e atravessou a rua, quasi a correr, dei-

xando o «Azelho» no meio do passeio a olha-la parvamente.

E agora onde iria dormir!? A Dona Adelina estava zangada com o Sr. Ferrão, ele não tinha coragem de ir bater á porta sem mais nem mais!?

Voltou ao teatro. Sahiam as ultimas coristas e o «Fiel», de lanterna na mão, fechava a porta, para passar a vislória e deitar-se, que eram já perto de hora e meia.

O «Azelho», sem saber que fazer á vida, vagueou longas horas pelos cafés, que pouco a pouco fechavam, deixando a cidade entregue a um silencio pesado.

Uma chovinha miuda, fria e penetrante como agulha, encharcava tudo, fazendo luzir, sob os lampeões da Praça dos Restauradores, o vidro dos passeios.

A tremelicar de frio, as mãos vermelhas de fricças encauadas nos bolsos, o «Azelho» procurou na negrura de um portal, um abrigo contra a chuva que cahia, n'uma cruel negação ao seu destino. E no recolhido da sombra, o corpo todo a tremer de frio e de febre, o «Azelho» deu consigo a chorar baixinho, sem saber porquê!... Qualquer coisa lhe queimava o pensamento, qualquer recordação, qualquer ideia que o «Azelho» não sabia explicar, mas que o obrigava a levar a manga aos olhos, a enxugar as lagrimas que lhe queimavam as faces, sobre o gelado agreste da noite.

—Anda cá «Azelho»! Tensas umas contas a ajuntar!—e a Dona Adelina lechou a porta do camarim—Vamos lá a saber: Porque é que tu não vae onde te mando??

—Eu?!...

—Não te ponhas com coisas! Ha



Enquanto D. Adelina se pintava no camarim...

quinze dias que estou mal com o Sr. Ferrão por tua causa!

—Por minha?...

—Sim! Eu não te mandei na quinta feira da outra semana, levar a carta ao escritorio?!

—Da outra semana?!...

—Não te faças parvo! E as outras? Porque não levaste as cartas que te mandei?!

—Mas eu!...

—O Sr. Ferrão nunca mais me appareceu porque estava á espera de Carla minha! E como não recebeu nenhuma...

—Mas ó Dona Adelina eu...

—Mau! Mau! Então é assim que tu pagas o bem que te tenho feito, hein? Veres-me a chorar de dia e de noite, porque ele não me apparecia, e tu...

—Eu...

—Com as cartas na algibeira! Felizmente que ele hoje foi a minha casa, e disse-me que não tinha recebido nada! Ora fosse tu que não entregas-te nenhuma das cartas que lhe escrevi! E vi-nhas então c'oa pola que ele dizia que estava entregue!

—Oh! Dona Adelina pela sua saudade!...

—O que tu precisavas sei eu! Mas deixa que não será a filha da minha mãe que cae em outra! E vou já dizer á empresa para não te consentir cá no Teatro!

—Perdão! Dona Adelina, perdão!...—e o «Azelho» ajoelhou chorando.

—Mas porque é que tu não entregavas as cartas ao Sr. Ferrão?!

—Porque...

—Porquê?

—Porque... porque... gosto muito de si; Dona Adelina! Porque estou apaixonado por si!—e o «Azelho» soluçou convulsamente, numa grande dor.

Uma gargalhada aguda estalou e a Dona Adelina, de boca aberta a mostrar os dentes brancos, veio para o corredor:

—Ó Ernestina!! Ó Ernestina!?

—Que é!—disse a outra do camarim.

—O «Azelho»!—e a Adelina ria como louca—O «Azelho» que me fez uma declaração d'amor!

Em volta, o pessoal do palco commentou a frase com uma gargalhada violenta. No camarim, o «Azelho» enrolou-se mais, soluçando sob a bancada.

—Ora o «Azelho»!

—O diabo é ele!

—O escomungado não é «trouxa»!

A Dona Adelina, cançada de rir, entrou de novo no camarim.

—Ora o «Azelho»!—depois vendolho o movimento dos hombros provocado pelo soluçar continuo, abriu a malinha de seda e tirou uma nota de vinte mil reis.

—Vamos deixa-te disso!—e batendo-lhe com o pé—Toma lá e tem juizo!

O «Azelho» levantou-se a pouco e, olhou a nota que ela lhe estendia na ponta dos dedos.

—Vá! Toma lá e sae, porque já deu o segundo sinal, e ainda não me pintei!

O «Azelho» enxugou o nariz, recolheu a nota, soluçou um «muito obrigado Dona Adelina» e passou por entre os «carpinteiros» e «comparsas» que lhe deram encontros de troça:

—Está apaixonado!

—Ora o palerma!

—O raio é ele!

—Que será feito do «Azelho» que nunca mais appareceu no Teatro!?

—Se calhar anda a curar a paixão pela Adelina!

—Coitado!

E nunca ninguem mais soube o que fôra feito do pobre «Azelho» desde aquella noite...

A VIDA DAS ESCOLAS NO LICEU DE PEDRO NUNES

Um grande estabelecimento de ensino—O ambiente e a vida escolar—Aneddotas e historia—Associações academicas—Os alunos notaveis—O Dr. Sá e Oliveira e a sua obra.



O antigo e notavel professor de ensino secundario, Sr. Dr. Eduardo Andrea.

ter o «Domingo Ilustrado» procurando arquivar nas suas paginas todas as notas de pitoresco da nossa vida social. Uma escola?

Pois terá uma escola assumpto para uma reportagem? E' o que se vai ver:

UM PROFESSOR

ALGUMAS ANEDDOTAS

Possue o antigo liceu da Lapa, no seu corpo docente, excelentes capacidades, desde o actual Reitor, até ao antigo e tão pitoresco tipo de professor secundario dr. Adolfo Sena. Quantas gerações têm conhecido o gordo prof. Eduardo Andrea, o magro e curvado prof. Cirilo Soares, o dr. Eça d'Almeida, coradinho e calvo como uma bola de bilhar, o dr. Agostinho de Campos, pequenino e vivo, o prof. de geografia Schwalbach, arguto e fino, e tantos outros, que all tem passado o melhor da vida, nessa ingloria, ingrata e rude tarefa de ensinar rapazes.

Historias, aneddotas da vida liceal? Mas quantas, Santo Deus! Vejamos esta com o prof. Eduardo Andrea:

O antigo lente liceal e professor da Universidade é, sem duvida, um dos grandes professores do nosso ensino secundario. Sobretudo nas aulas de 6.ª e 7.ª classe, a finura, a delicadeza com que expõe algumas das noções mais delicadas da fisica ou da mathematica são notaveis. Succede porem que algumas vezes é especialmente de verão a sua fatigante vida tra-lo exausto. Chega ás aulas meio morto. Certo ano em que dava quimica numa turma de 7.ª ano, chegava sempre á 3.ª leira, depois d'almoo, cheio de sono. O calor, a comida que lhe dava na fraqueza, tudo se predispanha para aquela fatal quimica da 3.ª leira, onde o pobre professor Andrea fazia equilibrios tragicos para não dormir.

Certo dia chama um aluno. Manda-lhe escrever a benzina e seus derivados—meia hora de formulas. E depois, surtamente põe-se a dormir enquanto o aluno escreve.

—Prompto! diz o aluno. O professor desperta de repente, mas não perde a linha, e sem olhar a pedra: «Demonstre que as potencias dos numeros maiores que um crescem com o expoente!»

—Estamos em quimica, retorquie o aluno.

—Ah! Desculpe, é que acordei em mathematica—diz num sorriso bom o professor.

Outra do mesmo lente.

Num exame: Diga a formula da parábola! O aluno não sabe. Ao longe sopram-lhe a equação da curva. Mas ele não a houve completa e repete a medo: P. X. ... P. X. e não sabe disto em cinco minutos. Oh! senhor, despathe-se, berra-lhe o prof. Andrea—ao menos diga «xispe»...

E, está assim cheia de pitoresco a vida das escolas. Não só já da parte dos mestres, mas mesmo dos pequenos, surgem as vezes respostas a tempo, que sem envolverem faltas de respeito, apenas denotam vivacidade de espirito e intelligencia. Vem a talhe de fouce referir a saída dum garoto vivo e esperto, que é já hoje um distincto medico e que, no Pedro Nunes fez a sua carreira:

Numa aula, o aluno, um petiz de 10 anos, traquina, está desinquieto. O professor: olha que tu se continuas assim, apanhas uma falta na aula e um mau comportamento. Logo o pequeno: Oh senhor professor se eu apanho falta na aula como é que posso ter mau comportamento nela?

A Associação Academica do Pedro Nunes é modelar. Creou-a o antigo reitor Dr. Sá e Oliveira e por ela têm passado os melhores elementos do antigo liceu da Lapa—entre outros os medicos distinctos Drs. Antonio de Menezes, Simões Raposo, Assis de Brito, Luiz Filipe Quintela, João Correia, Roberto Chaves Maciel, Maciel, etc, etc; advogados como o dr. Ramada Curto, Bustor Silva, sportmen como José Pimenta, Ribeiro dos Reis, Bessone Bastos, Ayala Monteiro, o aviador Emilio de Carvalho; artistas como Collinelli Telmo, Montez, Leitão de Barros, Barata, o pianista João Querol, e até o actual governador civil de Lisboa, dr. Filipe Mendes, foi menino do liceu de Pedro Nunes.

Hoje a prestigiosa Associação Academica é dirigida pelos estudantes Jaime Fogaça, Anto-



O actual reitor do liceu, o illustre professor Dr. Gonçalves Braga.

nio Cabral e Rui Miranda, e continua modelar. Possui um mensario: «Tribuna Academica» que o estudante Simões Müller orienta.

Dirigido o estabelecimento pela sábia orientação de Sá e Oliveira chegou o Pedro Nunes á maior altura como estabelecimento de ensino secundario. Hoje, entregue ao dr. Gonçalves Braga mantém a sua antiga reputação sendo, de certo, das melhores casas de educação que possuímos pois tem magnificas instalações e um corpo docente competentissimo e onde está o escolhido professorado secundario.

A. de C.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Por imperiosa necessidade de paginação, retiramos deste numero a parte referente ao nosso concurso de foot-ball, que tão grande exito tem alcançado entre os amadores deste «Sport». Jorge Vieira tem obtido grandes votações.



Grupo geral dos alunos das cinco primeiras classes do Liceu Pedro Nunes

«O dia de Carlos Reis»



CARTA AO GLORIOSO MESTRE

O grande mestre da pintura portuguesa, Carlos Reis, que uma impolada vida artística ha muito consagrou, tem agora a homenagem de todo o Paiz. A ela se associa o «Domingo o Ilustrado» onde Carlos Reis conta admiradores sinceros da sua grande arte como do seu nobre caracter. A figura cheia de prestígio do venerando pintor que é já hoje acompanhado por seus filhos, numa digna sequencia do mesmo espirito de arte, merece todas as honras. Que Carlos Reis, para honra da Arte portuguesa, possa, ainda por muitos anos, ensinar com o seu nobre exemplo as gerações que vêm vindo.

Meu grande amigo

A esta distancia enorme, na aldeia em que entevada me detive, creia que a minha admiração não dorme; a vida muda, sem que se transforme a maneira de ser de quem a vive.

E ainda que eu quizesse, ou que, esquecido, O seu dia me não entusiasmasse, — como o coroar de um monumento erguido, como um glorioso bello merecido que o destino não quix que lhe faltasse,

Impossível me fôra, em plena Beira, em pleno coração de Portugal, não recordar quem de uma tal maneira tem a belleza de uma patria inteira por fôbre de uma obra colossal.

Da janella do quarto em que lhe escrevo vejo uma encosta de canteiro loiro. Em baixo, o milho: um tremulo relêvo a despontar... E as hélices do trêvo. E o «Cidre», que os giestes cobriram de oiro...

No outro extremo, um enorme castanheiro corta, em frente da casa, o horizonte. E a sombra em que brincou Thomaz Ribeiro segreda os lindos versos de Junqueiro aos cântaros que passam para a fonte.

Metendo-me no quarto de dormir como um bicho de seda em seu casulo, só não verei, se a névoa o proibir, pinhars que como escravos de um Emir rastejam junto aos pés do Caramulho.

Para iraz, da varanda carcomida, vê-se, á direita, a alvura da capella. Adeante, a vinha velha, enverdecida; mais adeante, a pujança da «rampida», depois, um valle imenso; — e ao fundo, a Estrella.

Todos os dias, á hora do jantar, o pateo se enche como um adro em festa. E ha cabecitas de anjos, a palrar; vultos curvados para amamentar; corpos cançados, a dormir a sesta.

Em tudo, em toda a parte, a cada instante a vida assume um ritmo de Belleza: — de que a cidade vive tão distante nesse ardor falsamente deslumbrante com que mascara oceanos de tristeza...

Já vê pois que, afastado muito embora, poucos o acompanharam mais do que eu; eu que passo os meus dias, hora a hora, numa eterna visão que me enamora, tendo em cada janella um quadro seu!

PARADA DE GONTA, 22-5-1925

TAÇO



Seção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Os Palmas—Africano—Rei Móra—Pechincha—Rei do Orco—Rei Fera—Pato & Bigas, Lda—A. Satrap—Bayart—Néné—Bacía—Avils—Sentinela & Gomes.

CAMPÕES DECIPIRADORES DO N.º 17

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Francisco de Sá.
Charadas em frase: Anafela—Blanca—Alencar.

ENIGMA

(por vitórias)

(Oferecido ao charadista «Avila»)

A segunda e mais a primeira
Sem haver outra junção,
Forma cidade famosa
De assizes regida.

Com a terceira e a quarta,
Pode o colega formar,
O nome d'uma mulher,
Sem ser Roma nem Pilar.

Mas se ao rôlho lhe tirar
Uma letreira qualquer,
Há de ver que se transforma
N'outro nome de mulher.

Coloque as letras em fila,
Vamos o título formar,
Antes que esta lista liôr
Possa de tudo machucar.

AFRICANO

CHARADAS EM FRASE

Na minha quinta houve grande esvazia sobre os can-
tes por causa d'uma plantação de couves.—2-4

REI FOLIA

Munda estrangeira, apêlido e nome proprio.—2-4

SOBRAC OTIRO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondência relativa a esta seção de-
ve ser enviada ao seu director e enviada a este redac-
ção ou a Rua Aurora, 72, Lisboa.

— Se se publicarem enigmas e charadas em verso, ou
radios em verso, logografos e pittorescos, estes sem tra-
nhados em papel lizo e tinta da China.

— Os originaes, quer sejam ou não publicados, de-
ve ser redigidos.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem
vir todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias
após a saída dos respectivos numeros.



RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

COMPTOIR
CAMILLE LAURENT

RUA ALVES CORREIA, 144

Oculos, lunetas e accessorios.

Pentes, travessas e bandoletes.

Bijouterias e novidades de Paris.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Representante de 180 fabricas de todos os arti-
gos de exportação franceses.

PEÇAS COLEÇÕES

CONSULTORIO PRATICO

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE
TODOS OS ASSUNTOS

OFELIA:—Sports que desenvolvam clado se-
nhoras? Pois não. A que tem dezotto annos,
deve praticar o «tennis». E elegante e desen-
volve muito as barrigas das pernas. A que tem
13, deve aprender natação porque de peque-
ninho é que se torce pepino e é muito bonito
uma mulher levantar-se todos os dias. A de
vinte annos deve aprender «box». Está na eda-
de propria para casar e hoje é muito apreciada
a pancada domestica. A que fez trinta e um
deve dedicar-se á corrida para ver se ainda
agarrar um homem que case com ella e a que
tem cincoenta e dois deve escolher a aviação,

subir a oito mil metros, e atirar-se de cabeça,
porque não ha direito de existirem velhas.

DOLLY:—Quando se está apaixonada por
um quintanista de direito e se tem vinte annos,
o remedio é juizo e cabeça fresca.

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem
acompanhadas do selo que vem pu-
blicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a
Prof. HAITY.

ENCERADOS
E
CAPAS

BARRACAS
E
TOLDOS

UNICA CASA
QUE RIVALISA

Fabrica de

JOÃO FERREIRA GOMES, Lda

Telefone C. 3315

RUA VALE DE SANTO ANTONIO, 5

LISBOA





Carta de Paris

Côres claras

QUANDO o sol sorri—o que já está tardando um pouco—e o céu é azul e primaveril, a moda, para as mulheres elegantes é, agora, a adornar-se com côres claras e frescas. As côres escuras estão inteiramente passadas de parte. Se o preto surge uma ou outra vez é aliado a um colorido que contrasta e o faz realçar mais. O vestido de passeio em setim, crepe de china ou «marocain», todo preto, não é já indispensável n'um guarda-roupa feminino. Não que o preto seja uma cor ingrata. Muito ao contrário. Foi e será sempre extremamente distinto! Mas a primavera e o verão resistem de coloridos mais claros e as mulheres parecem mais novas dentro de vestidos de crepe estampado de côres vivas. Mais encantadoras de moedade e de frescura, elas assumem um aspecto de desalho que lhes fica a «carta». Paris está cheia destes vestidos, leves como uma aragem primaveril.

Para a noite há a mesma tendência para os vestidos claros, o que é, de resto, muito logico, porque se a luz do dia exige mais discreção, pelo contrario, á noite, o brilho das lampadas permite uma maior ostentação de coloridos e de elegancias.

Se, por acaso, se deita um olhar de conjunto para uma reunião de mulheres elegantes numa «salle» mundana, tem-se a impressão nítida de avistar um arco-iris de sonho, no qual se enluta uma farandola de tons delicados e brandos.

Algumas cascas de costura parisienses tentam um ensaio para vestidos em tons da mesma «salle», por exemplo, do encarnado ao tom de avelã, do azul forte ao azul pervinca, etc., passando por todas as nuances intermedias. São seguidos nesta tentativa? Fantasia interessante, sem dúvida; mas muito mais preferível o verdadeiro vestido da «salle» bordado, adornado com perolas de crystal ou de «strass».

Alguma «lodelite» bastante numerosas, feitas de dois tons (rosa claro, rosa forte, por exemplo) são duma harmonia encantadora. O qual reaparece de novo. Tinta difícil entre tons de azul—á noite, sobretudo. Não é linda sendo com a condição de ser duma infinita doçura. De tarde, fica bem aliada ao branco; á noite, ao ouro velho ou á prata oxidada.

A uniformidade destas ultimas estações não resistiu mais: é essa a tendência geral. Os vestidos da moda fizeram um real esforço em busca do inédito, e cabe ás senhoras, agora, a vez de os ajudar na sua tarefa, procurando vestiarios o mais originaes possivel.

As rendas

Com exclusão do vestuario masculino que ultimamente manbã, os vestidos de passeio ou de noite tendem para formas mais complicadas, mais minuciosas. O emprego dos tecidos leves é a principal causa disso. E ha numerosas creações que as mulheres faceis de fazer sobre escolher, apropriar, segundo o seu gosto, ao tipo que melhor lhes convier.

Como succedeu com a pluma de avestruz, que morreu de novo hoje, a renda, posta de lado durante muito tempo, voltou á moda.

O alargamento da saia é-lhe infinitamente favoravel. Graças a ela, os vestidos para dançar adquirem uma leveza e um «flou» deliciosos. A renda emprega-se em folhos—e até em plissés. A sua transparência comunica aos vestidos um encanto perturbador e os coloridos delicados que lhes dão, renovam agradavelmente á sua riqueza.

Nem sempre se usa a classica renda. Por vezes o aço, o ouro, a garota tomam-na mais preta, sem lhe tirarem nada da sua adaptabilidade. Então, a renda de seda e a «guipure» de «lacet» empregam-se muito para os vestidos de crepe. Casada com o crepe, a Georgette e a musselina de seda, a renda é um dos mais lindos adornos que se podem usar. Ela corrige em certo modo a monotonia de certos côres agora um tanto em favor.

A resistencia aos microbios

Tem-se sempre pensado que para nos defendermos contra a maior parte dos microbios e em especial contra aqueles que, de or-

dade de matar os microbios. Ora, esta propriedade tão preciosa pode, ao contrario do que se supunha, tornar-se mais eficaz por certos processos. Eis aqui uma prova contada recentemente por sabios americanos.



dinario, envenenam as feridas, bastava empregar antisepticos energicos. Começa-se hoje a reparar que muitas vezes o melhor antiseptico é fornecido pelo proprio organismo, cujos humores têm todos, em qualquer grau, a proprie-

Num Instituto Rockefeller, os ratos reservados ás experiencias eram alimentados por uma forma banal, que até então se mostrara sem vantagens nem inconvenientes especiaes. Entretanto, depois de certas constatações, al-

guem pensou se um alimento mais bem estudado não daria outros resultados. Ora, verificou-se que com a nova alimentação os ratos se defendiam muito melhor de que os outros contra o microbio duma especie de tifo que lhes faziam ingerir.

Naturalmente, essa alimentação especial que convém aos ratos não servia para o homem. Não haveria, pois, conclusão pratica a tirar disto se algum, na mesma ordem de ideias, se não lembrasse de procurar em doentes com chagas, a influencia dum regime especial. E essa averiguação deu excelentes resultados.

Viu-se que uma alimentação rica em acidos diminue manifestamente a supuração das chagas e activa a cicatrização. Pelo contrario, uma alimentação rica em alcalinos augmenta a supuração e retarda a cicatrização.

A conclusão que, ha a tirar destas observações é que em caso de queimadura ou doutra chaga de certa extensão, é conveniente comer de preferencia carne, gemas de ovos, castanhas e cereais diversos e especialmente pão a legumes secos. Todos estes alimentos, com efeito, são conhecidos por augmentarem a acidez do organismo. Ao contrario, a maior parte dos frutos e dos legumes deverão ser, pelo contrario, ministrados em proporção reduzida.

O uso do talco

Ha muitas pessoas que usam o pó de talco em certos casos, mais pelo perfume e pela carestia do pó de arroz do que por sabermos as vantagens do uso do pó de talco. E, todavia, essas vantagens são evidentes por vezes.

Assim, nas creanças de idade muito tenra, quando a pele ainda não possui a resistencia precisa para não se ressentir duma humidade quasi constante, é utilissimo o uso do pó de talco para as creanças não se «cortarem», como se diz vulgarmente, porque este pó faz uma especie de camada por cima da pele e não a deixa ressentir-se da humidade. Da mesma forma, nos adultos e sobretudo nas senhoras gordas, principalmente de verão, para impedir os maus resultados da transpiração excessiva, o uso do talco é excelente pelo mesmo motivo.

Mas é preciso reflectir: se se trata de prevenir o caso, o simples pó de talco perfumado basta. Mas se, por falta de cuidado, ha já na pele qualquer «assadura» ou inflamação, então é preferivel empregar o «Pó de talco boricado», que dá magnificos resultados.

Tanto um excelente «Talco perfumado», comparavel aos melhores talcos americanos, como um magnifico «Talco boricado», preparado segundo os preceitos scientificos, encontram-se na serie incomparavel dos «Produtos Marya», criação da «Perfumaria da Moda», na rua do Carmo, 5 e 7.

CELESTINE



TOLDOS
E BARRACAS
CONFECÇÃO E
REPARAÇÃO

O QUE HA DE MAIS PERFEITO

Fabrica de

José Ferreira Gomes, L.^{da}

Telefone C. 3315

RUA VALE DE SANTO ANTONIO, 55

LISBOA

O DOMINGO

ILUSTRADO

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Jogo das Damas

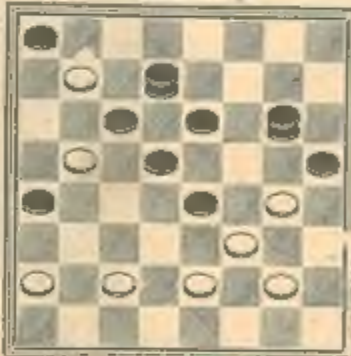
Solução do problema n.º 17

	Branca	Preto
1	3-14	4-8 (x)
2	10-22	8-4
3	23-12	4-11
4	13-26	11-8 (x)
5	13-22	8-25
6	14-21	25-30
7	20-12	22-23
8	21-11	
	Ganha.	

(a)	(b)
1 29-25	4 29-17
2 14-18	5 26-22
3 13-26	6 13-2-10

PROBLEMA N.º 18

Preto 2 D e 7 p.



Branca 8 p.

As brancas jogam e ganham. Sobretudo-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 16, de 35. Abrantes e Silva, Antonio Nêze Junior, Armando de Campos, Artur Malheiro, Artur Santos, Eugénio Leal, José Brancillo, Dr. Kiba, Raul Machado e Soeiro da Silva.

O presente problema foi-nos enviado por um amador, que assigna «um aprendiz». Os mestres lhe apreciarão o trabalho.

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», c/c de J. de Sousa. Deixar a secção o seu: João Eloy Nunes Cardoso.

Xadrez

A correspondência sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 32

PROBLEMA N.º 15

Por 7, Gamage (1.º premio)

Preto (9)



Branca (3)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do problema n.º 13

R4R R4R R4D mate

R Joga R Joga

R4R R4R mate

P4D RxC

Solução do problema n.º 16

1. T. C. B.

Errata do Problema n.º 17 mate em tres lances.

Resolveram os Problemas n.º 15 e 16 os sr.ªs. Nunes Cardoso, capitão Elias Garcia (Faro), Antonio Montinho, Soeiro da Silva, Dr. Damião Mira e Nôta Ribeiro (Faro). Sob a direcção de Carlos Legido, Paris 14, rue de Rome (Lc) acaba de publicarse Les cahiers de l'Echiquier Français, 1.º cahier de 1923 ao preço excepcional de 1. fr. 40. Por cada cahier quatro cahiers 12 fr. muito caros para o amador de xadrez, curiosidades do taboleiro, problema lre solas etc.

A NOVELA DO DOMINGO
VEM PREENCHER ALGUMAS HORAS
VAOAS COM AGRADEVEIS LEITURAS

Actualidades gráficas

ACTUALIDADES NAS LETRAS

NO LICEU DE PEDRO NUNES



Grupo dos alunos do 6.ª e 7.ª classes do Liceu de Pedro Nunes, entre os quais se encontram filhos das principais famílias de Lisboa.

Os alunos posaram para a nossa fotografia nas escadas do jardim Escola João de Deus, outra bela instituição de ensino que se deve ao notável pedagogo João de Deus Ramos.



AUGUSTO DE SANTA RITA, o notável poeta, autor do livro que acaba de sair: «Auto da Vida eterna», que obteve grande sucesso de livraria e de crítica.

Actualidades desportivas — O IV Portugal — Espanha



A formidável equipe espanhola que jogou ao Stadium contra a «team» portuguesa, derrotando-o por 2 goals a 0.



A troca dos ramos simbólicos entre os capitães das «teams» portuguesa e espanhola, Srs. Jorge Vieira e Samitier.

(Clichés Raul Reis)

PUBLICIDADE



A MARCA PREFERIDA PELOS
CONHECEDORES. — CENTENAS
DE REFERENCIAS. — STOCK
COMPLETO DE SOBRESLEN-
TES PARA ESTES CARROS.

C. SANTOS, L.^{da}

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.^o
LISBOA

Brevemente

**A novela do
DOMINGO**

LEITURA FACIL

LEITURA ALÉGRE

LEITURA PARA

TODAS AS CLASSES

LEITURA PARA

TODAS AS EDADES

Os últimos modelos da moda
encontram V. Ex.^{ta} na

CASA DAS CARTEIRAS, L.^{da}

100, RUA DA PRATA, 100
LISBOA

**Tapeçarias de
Traz-os-Montes
(URROS) L.^{da}**

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO
DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA
NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTO-
FOS, DESENHOS E FABRICO INTEIRA-
MENTE, DIFERENTE DAS VULGARES
TAPEÇARIAS REGIONAIS

DR. ANTONIO DE MENEZES

Consultante do Instituto para crenças falsas
em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos
e articulações — Deformidades e
paralysias em crianças e adultos

AS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 131, 1.^o LISBOA
TELEF. N. 908

Confrontal Preços

GABARDINES — KAKIS — COTINS NA-
CIONAIS E ESTRANGEIROS PARA PA-
TOS DE VERÃO

L
A
N
I
F
I
C
I
O
S



L
A
N
I
F
I
C
I
O
S

TECIDOS LEVES E DE NOVIDADE. SE-
TINS PARA FORROS. SARGELINS. NOS
GRANDES ARMAZENS DA
BEIRA Lisboa, 20-22, R. Retrosiros, 24-26

PERES & ABRANTES, SUCS.

**AOS PAISI
AOS FILHOS!**

O melhor presente são os quadros da HISTO-
RIA DE PORTUGAL, evocação das nossas
grandes passadas, tricotadas sobre aquarelas
dos grandes artistas ROQUE GOMEIRO
E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS
MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLÁIO

36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

**FOTO
ESTEFANIA**

L. D. Estefania, 11
LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 2 ÀS 11 EXCEPTO AS
SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM
TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COM-
PETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES,
REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS,
ETC. ETC.

PAPELARIA CAMÕES

FORNECEDORES PARA A PRO-
VINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES
DE TODOS OS ARTIGOS DE PA-
PELARIA, ARTE APLICADA E
PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

QUER CONHECER ALGUMA
COISA DE ESTILOS DE ARTE

LEIA OS ELEMENTOS DE
HISTORIA DA ARTE

DE LEITÃO DE BARROS

4.^a edição á venda.



O
A B C-ZINHO
É O UNICO JOR-
NAL DAS CREN-
ÇAS PORTUQUE-
SAS.

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para
brindes — Amendoa francesa — Fabrico
esmerado de todos os artigos de con-
feitaria e pastelaria — Conservas de
frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1807

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 33
LISBOA

**O DOMINGO
ILUSTRADO**

Atende agentes em toda a parte onde os não haja

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRE

CAPITAL SOCIAL
ESC. 48.000.000\$00

CAPITAL REALIZADO
ESC. 24.000.000\$00

RESERVAS
ESC. 24.000.000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Cas-
telo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Extremoz, Fátima, Figueira da
Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Oporto, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto,
Regoa, Santarém, Setúbal, Silves, Tamar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-
Montes, Vila Real de Santo António e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda,
Bissau, Bolama, Kinschasa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Malange, Novo Re-
dondo, Lobito, Benguela, Vila Nova Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimano
Mocimboque e Ibo.

INDIA: — Nova Goa, Mormaço, Bombaim (India Inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dili.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE,
ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES
ESTRANGEIROS

O melhor vi-
nho de meza
é o COLARES
BURJACAS

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑHA

ANO - 48 ESCUDOS -

SEMESTRE - 24 ESC. -

TRIMESTRE - 12 ESC. -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10

ESTRANGEIRO

ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NÃO FAZ CAMPANHAS - PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA - NÃO TEM POLITICA



Fase emocionante do IV Portugal—Espanha

(Clíchê Garcia)

Momento em que Jorge Vieira, o formidável "defeza" do onze nacional, se choca com o seu antagonista hespanhol, salvando as redes portuguesas. Ao fundo o grande jogador João Francisco segue a trajetória do esférico.